

AS RAZÕES DO PRESID

A IRLANDA dos gemidos e das dores é hoje a Irlanda que fala alto. Traia com a Inglaterra das suas questões, de igual para igual. Quer a independência, quer ser uma nação não se importa senão com esse fim e tanto que já nem põe a questão de república como uma base essencial.

Católica, quanto os outros países do Reino Unido são protestantes, ela tem a ância de ser livre, quer arvorar a sua bandeira e acaba por pedir que faça a Inglaterra com ela uma monarquia dualista como era a Austria-Hungria. Com os seus 84.394 quilómetros quadrados e povoada por 52 habitantes por quilómetro, ela argumenta já claramente e a Grã-Bretanha responde que não lhe pode conceder semelhantes regalias, embora lhereconheça largos direitos, porque carece da unidade do território para a defeza da pátria. É a Irlanda indispensável para a integridade do solo britânico; precisa estar absolutamente sujeita a leis que não lhe permitam negociar com outras nações e nessa conformidade, embora o seu Parlamento reuna e a luta continue, nem mesmo a fórmula de monarquia dualista se pode aceitar. De Valera — o grande patriota igual aos Parnell — sacrificaria de bom grado a sua teórica presidência da república irlandesa, estaria resolvido a aceitar o sistema que se usava na Hungria quando da sua dualidade com a Austria. As duas Câmaras, a dos Senhores e a dos Deputados, os seus ministros, a sua bandeira, o governo nas suas mãos, embora o imperador residisse na capital do antigo reino. Jorge V, seria o soberano do Reino Unido, do mesmo

modo, mas a Irlanda teria a liberdade de movimentos: isto a não ser que se quizesse dar um dos príncipes ingleses para a nova soberania. Além do herdeiro da corôa, do príncipe de Gales, havia ainda a possibilidade de se nomear rei da Irlanda, Enrique ou Jorge, desde que não se desejasse que o duque de York subisse áquele trono, pois na sua qualidade de filho segundo teria um dia mais probabilidades de sucessão de que os seus outros irmãos. Havia, depois, para se cimentar mais esse arreigamento à Irlanda a possibilidade duma grande dama irlandesa casar com o rei e a história duma dinastia nova iniciar-se-ia. O preconceito poderia ser posto de lado, tanto mais que na Inglaterra muitos lords teem casado com americanas milionarias, algumas de sangue irlandês e diz-se que, actualmente, a filha de Vanderbilt causa o encanto de um dos príncipes reais britânicos.

A Gran Bretanha não aceita cousa alguma do que a verde Erin pediu; Valera ouviu o parlamento e retorquiu logo a Lloyd George com grandes palavras e sobejas razões. Referindo-se á ordem estratégica, diz: «não podemos acreditar que o seu governo tenha a intenção de querer, por um puro princípio de militarismo, destruir toda a moral internacional e fatal para a paz do mundo. Se o direito de uma pequena nação á sua independência desaparece quando um visinho mais poderoso cobiça o seu territorio, pelas vantagens militares ou outras, é evidente que a liberdade não existe.

Uma pequena nação não pode mais reivindicar o direito a uma existência soberana. A Holanda e a Dina-



DE VALERA, PRESIDENTE DA REPÚBLICA IRLANDESA, SAINDO DO PARLAMENTO ENTRE AS ALAS DOS FIEIS QUE O GUARDAM

PRESIDENTE IRLANDÊS

marca podem tornar-se subordinada da Alemanha; a Bélgica de França e Portugal da Espanha.

É um grito que parece uma queixa mas logo surge o desafio de quem conta com a próprio esforço.

«Desejamos vivamente pôr um termo ao conflito travado entre a Grã-Bretanha e a Irlanda. Se o governo determinou impôr-nos a sua vontade pela força e a insistir sobre propostas que implicam a nossa renúncia à nacionalidade, se tenta fazer das negociações uma irrisão, então a responsabilidade será apenas sua.

«Sob a forma do largo princípio directivo duma forma de governo com o consentimento dos governados a paz pode ser assegurada, uma paz duradoura e justa e honrada por todos.»

Acabava por dizer que tem plenos poderes para negociar e aguardava a resposta. Os concidadãos de De Valera tinham-no reeleito presidente da república, tinham reeleito também o ministério e o Parlamento assinara a proposta do empréstimo que a nação tem que fazer nos Estados Unidos o qual será de 20 milhões de dollars e um milhão de libras esterlinas, o qual será coberto na própria Irlanda.

Lloyd Georges declarou que o seu governo não podia continuar nesta troca de notas; não tem mais poder para lhes dar além do que já lhes concedeu; o ministério chegou ao extremo limite do sacrifício. Doou-se-lhe «a última palavra do que o império britânico pode, razoavelmente, oferecer e que a Irlanda pode, razoavelmente, esperar.»

É a guerra de novo; é a matança, é o prolongamento

duma situação que mais dia menos dia terminará, porque, só esmagada ou livre, a Irlanda acabará com as suas lutas com as suas exigências e com as suas aniedades.

Resta agora saber se tudo quanto a Grã-Bretanha possui em forças, em exércitos, em dinheiro, chegará para acudir às revoltas que estalam nos seus domínios, desde a Irlanda até ao Afeganistão e até à Índia onde já se estabeleceu também uma república cujo presidente se chama Mahatma Gandhi e que já discutiu com lord Reading, vice-rei da Índia inglesa, exactamente como De Valera com Lloyd Georges e seguiu, com a sua gente, os processos dos *sinn feiners*.

Terá chegado já o grande momento do desmembramento do imperialismo que os grandes ingleses, com Beasconfield à frente, tam intiligente e preciosamente criaram ?!

A situação é dura e tanto, que após estas notas, novamente se solicitou a de Valera, por um correio especial, a sua vinda afim de se negociar, mas sempre com a condição primordial da Irlanda continuar a fazer parte do império britânico. E' já uma transigência, possivelmente o reconhecimento de direitos largos, ou quem sabe se de monarquia dualista. Alguma cousa de prático deve sair dessa entrevista duma delegação irlandeza com o governo de Gran Bretanha e tanto mais que Bernard Shaw aconselhou de Valera a deixar os seus termos idealistas, dos séculos recuados, por firmes propositos da nossa época. Chegar-se-á talvez assim a uma paz duradoura ou excitar-se-á, se tudo falhar, uma mais terrível guerra entre os ingleses e os seus irrequietos vizinhos.



A SESSÃO HISTÓRICA DO PARLAMENTO IRLANDÊS

(Clíches Central News)